# A ILLUSTRAÇÃO

BUSD-BRAZDEBURA.



LISBOA: —Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. - NUM. 40. - SABBADO, 4 DE OUTUBRO DE 1856.

PROVINCIAS - Franco - Anno 45000 - Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,3000.

#### SUMMARIO.

Excerptos da Chronica d'el-rei D. Fernando I-O Castigo do Senhor (continuação) - Historia natural - Constancia de jesuita (continuação) — Critica litteraria — Viagem á roda do toucador da mi-nba Emilia — Reacção (poesia) — Villa Nova de Portimão — Quar-tel de cavallaria em Evora — Pobre Luiza! (continuação) — Mi-randella — Cabo Ai-Todor — Abbadia de Westminster — Chro-

GRAVURAS - Villa Nova de Portimão - Mirandella - O Cabo Ai-Todor - Quartel de cavallaria em Evora - Abbadia de Westminster

### EXCERPTO DA CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO L.

« Os portuguezes, que foram alegres com a vinda dos inglezes para os virem ajudar a vingar dos castelhanos, começaram a entender os males que trazem as ajudas da gente de guerra que se pede a estranhos. Porque muito maior é o dano que elles fazem do que fariam os inimigos. Porque buscando-se por defensores ha mester contra elles outra defensão. E assim os inglezes, tanto que foram apresentados em Lisboa, não como homens que vinham defender a terra mas como homens que eram chamados para a offender e destruir, e buscar toda a deshonra aos moradores d'ella, começaram a se estender pela cidade, matando e roubando, e forçando mulheres, e mostrando tanto desprezo e dominio contra os naturaes como se foram seus capitaes inimigos. E o maior mal de todos era não terem a quem se queixar. Porque a el-rei não o ousavam fazer, porquanto tinha postas grandes penas, que ninguem os anojasse. E quando alguem se lhe queixava, dizia que fosse ao conde (1), o qual a isso dava máo remedio; e com isto lhe parecia que satisfazia podiam. De maneira que mataram d'elles tantos que de aos queixosos.

a Chegou a cousa a tanto, que o conde mandou que Duarte Nunes de Leão. tivessem os homens das quintas e casas o pendão da sua

divisa, que era um falcão branco em campo vermelho: e o que o não tinha era roubado. E o mesmo faziam os lavradores, e pessoas que traziam bestas com mantimentos, os quaes se não mostravam os pendões. que lhes os inglezes vendiam por certa cousa, eram roubados. E não sómente se atreviam com a gente do povo mas com o mesmo rei. Porque vindo um dia suas azemalas de buscar agoa lançaram mão d'ellas, eas tomaram, dizendo que el-rei lhes devia soldo, e que o queriam penhorar; e se o conde as não mandara tornar lhe ficaram.

« E chegando certos d'aquelles inglezes á casa de um Vicente, jazendo elle ja na cama com sua mulher, e um seu filho pequeno, que ainda era de mama, bateram á porta, que lhe abrisse, e não ousando elle

de o fazer lha quebraram, e entraram dentro, e começaram de ferir ao marido.

«A mulher com temor d'elles poz o menino ante si por o não ferirem, e nos braços d'ella o cortou um pelo meio com a espada, que vel-o foi um cruel espectaculo. A mãe levou aquelle menino assim partido a el-rei. Mas elle não ousou fazer n'aquelle caso justiça, e mandou que o levassem ao conde. D'esta maneira mandava el-rei ao conde muitas vezes fazer queixume, rogandolhe, que não consentisse aos seus destruir a terra, ao que elle acodia frouxamente.

« Assim iam pelo termo de Lisboa roubar, e matavam quem lhe resistia. Eram tão daninhos que se: a um vinha vontade de comer uma lingoa de uma vacca, matavam a vacca, e tirada a lingoa deitavam o mais ao donge; e assim faziam ao vinho, e outras cousas.

« Por a qual razão assim como lhes iam dando cavallos os mandava el-rei á riba de Guadiana, e ás fronteiras. Mas elles em vez de entrarem por Castella, para o que foram chamados, volviam contra Portugal sobre riba Tejo a roubar quanto achavam. E assim fizeram muito dano em Villavicosa, onde mataram alguns homens, e d'elles foram alguns mortos; e combateram Borba, Monsaraz, e Aviz, e escalaram o Redondo; e o mesmo tentaram fazer a Evora-monte se poderam. Nos logares porque passavam fasiam tanto dano nos pães, vinhas e gados; e assim atormentavam homens para lhes descobrirem onde tinham os mantimentos, como se elles foram castelhanos para cuja vingança foram vindos a Portugal. Os insultos que faziam eram tão grandes que as gentes se começaram a vingar d'elles o mais secretamente que tres partes as duas foram mortos por suas culpas. » -

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO

VII

UM INSTANTE MUDA A VIDA.

O proximo casamento de Laura não mudou os seus receios, e se riscava do pensamento de Fernando tudo que não fosse o seu amor, dava-lhe a ella toda a tranquillidade nas suas idéas, e por isso não se esqueceu de procurar o seu promettido esposo para averiguar o que podia dar azo ao rumor, que todas as noites se sentia na casa de Paulino, e que fazia crer á virgem no grande perigo em que estava a casa de seu pae, de ser assaltada pelos salteadores das proximidades.

Era mais de meia noite quando Theodoro perguntava, indo ao quarto de Paulino, se já seria occasião de ir ao encontro dos seus companheiros criminosos: a unica resposta do chefe foi erguer-se do logar em que estava e marchar; e em silencio atravessaram toda a casa, e em pouco se introduziram nos logares onde fomos no principio d'esta historia; procuraram a casa subterranea, que tinha sido feita na reparação do palacio, que pegava com a capella arruinada, e que datava de tempos muito anteriores ao conhecimento do filho de D. Pedro de Athaide; capella solitaria e onde por certo ha quarenta annos não resoava um unico hymno religioso, salvo se a afflicção levava algum dos culpados habitantes dos subterraneos a ajoelhar-se aos pés de Santa Maria, que no altar do topo parecia aconselhar a innocencia, mesmo nas horas mais criminosas. Pelos lados havia pequenas casas que serviam de quartos aos homens da cohorte de sangue, e outros que encerravam o fructo culposo da rapina.

Era no mais largo d'esses quartos que Paulino entrava, e que era chamado por elles a sala subterranea; mas no instante em que entrou ninguem ali se achava, o que lhe fez crer que novos crimes se juntavam ao numero já tão grande de que todos eram reos.

- Porque não viria ainda ninguem? Disse o Castigo do Senhor ao Filho da Tormen-

A resposta não pôde ser pronunciada, porque gritos de piedade, e soccorro vieram tocar os ouvidos dos dois amigos; e era de mais uma mulher que os soltava desesperada : ia Paulino a precipitar-se no corredor que dava para o campo quando alguns dos seus companheiros entraram rodeando um mancebo de dezoito ou vinte annos que lutava no meio de punhaes, e de braços inimigos. e que debalde pretendia libertar uma pobre mulher toda vestida de negro que de joelhos supplicava pela vida de



Villa Nova de Portimão,

seu filho; o rosto do chefe tomou uma expressão de magoa e de dór, impossivel de descrever; não pôde pronunciar uma só palavra, tanto era o soffrimento que o pareis um filho de sua mãe; reparae quanto não soffreopprimia; mas Theodoro, breve como o pensamento, não hesitou, e correu a ver se libertava o desditoso que teria de morrer, se não parasse uma luta tão desegual.

O desgraçado, porém, no furor da sua raiya, não via em toda a parte mais do que inimigos, e tomando Theodoro por um novo contendor ergueu sobre elle o punhal que n'este instante substituira pelo estoque que acabava de partir-se; entre o peito do amigo de Paulino e o punhal do moço apprehendido, não mediava quasi espaço, quando um tiro voa rapidamente, e cortando o espaço, ninguem saberia que vida teria roubado se o infeliz que lutara, até que as forças lhe faltaram, e que a bala da pistola atravessando-lhe o peito o fez cair desanimado não perdera os sentidos. O grito desesperado da mulher foi doloroso e tremendo, como as dôres da Virgem mãe nos tormentos mortiferos do regenerador da humanidade.

O mancebo, caindo sem accordo, só pode dizer: -Por toda a parte a vilania, por toda a parte covar-

des.

Paulino, que se apoderara da pistola fatal, que o acaso ou o demonio depozera sobre a mesa, e defronte d'elle no momento em que viu em perigo o Filho da Tormenta, encostando-se á parede para não cair sem sentidos, sentia uma afflicção nova e desconhecida; parecia que o ceo lhe mandava novas dôres, e balbuciava:

Que sinto cu? Jesus!

A mulher, liberta pelo poder do desespero, dos braços que a retinham, chorava, e pedia ao ceo a força de salvar o desgraçado, ou de morrer ali; mas á porta da pequena casa apresentou-se repentinamente uma menina, e um mancebo; tinham elles visto o moribundo que caira, e a mão que desfechara o golpe; a donzella vencendo tudo que podesse, ou que devesse retel-a ainda, atravez de damnos e de males, correu a ajoelhar-se junto do desgracado, a defendel-o com seu corpo, e a receber, sendo preciso, os golpes que viessem ainda sobre elle.

-Meu pae, meu pae, salvae-o.

- Laura! bradaram a um tempo Theodoro e Paulino, e este cobria o rosto com as mãos e clamava em pranto: Ella! Fernando!.. deshonrado aos seus olhos!

O pobre que a dór, a violencia da luta, e o golpe de que o sangue corria já, arrojara á terra, abriu ainda os olhos para o anjo que baixara por ordem do Senhor para salvar o innocente, e punir os criminosos de certo, e so pode dizer :

Obrigado, anjo do ceo, mas é já tarde!

A mulher que de joelhos se esforçava em reter o sangue do ferido, olhou, atravez das lagrimas que corriam sobre as suas faces descoradas, para a virgem que lhe prognosticava o lenitivo a tanta dór.

- Filho! filho! mataram-m'o, exclamou a infeliz.

- E vosso filho? perguntou Laura!

- E que outra que não fosse sua mãe, tornava ella, derramaria assim estas lagrimas de fogo, que espero na misericordia divina que hãode matar-me se porventura Deus o chamar ao seu reino.

- Meu pae, meu pae, bradava a creança que parecia inspirada, que uma força desconhecida allumiava agora, que sentia levantarem-se-lhe no coração uma potencia e uma energia de que se julgara incapaz até então; meu querido pae, e pondo a mão sobre o coração de Eduardo, que era o nome do mancebo que chegara, abraçava a infeliz mãe que se achava ao seu lado, e que Laura não poderia dizer que irresistivel magnetismo a prendia já aos seus tormentos.

- Meu pae, elle inda respira, ainda vive !... eu não sei que magico poder exerceis vós sobre estes homens que matam; mas vós ordenaes, ponde por obra a vossa autoridade salvando uma vida innocente, salvae-o, sal-

E de junto d'Eduardo se arrastava a virgem para os pés de Paulino.

- Mandae-o conduzir para as camaras do palacio; fazei-me o que vos peço ; vêde a sua pobre mãe que triste chora.

- Este ardor... murmurou Fernando.

-Filha, filha, e o nosso segredo! dizia Paulino, quem o forçará a guardal-o um dia, se não perder a vida?

- Eu, disse a mãe do desgraçado. - Eu! repetiu Laura.

E a mulher que chorava a perda de seu filho, e que estremecera á voz do Castigo do Senhor, porque parecia trazer-lhe não sei que recordações de ventura ou de pesar, sentiu no momento de o encarar um violento abalo, passou as mãos pela fronte, enxugou do rosto o pranto que lh'o inundava, e fitando o chefe attentamente, soltou um grito de espanto e de horror, e encostou-se fulminada á mesa do centro da sala! Ninguem viu o que se pássara porque todos tinham os olhos fitos na vehemencia, quasi delirante, da filha de Paulino.

-Lembrae-vos, pae, continuava ella, quanto não soffrerieis se alguem vos roubasse algum dos vossos filhos adoptivos ; lembrae-vos ainda qual não seria a vossa dor perdendo um filho que fosse realmente vosso filho.

Estes brados, cavos e fundos, cortados pela angustia retumbaram na sala; era a mãe, no delirio do amor; era Fernando, no delirio do crime; era Paulino, no delirio do remorso.

- Cala-te, cala-te, continuou elle.

 Não separeis, dizia ella ajoelhada ainda, não serieis, se estivesseis separado do vosso filho, e se soubesseis que elle se finava de dor, imaginae, que sabieis do seu soffrimento, das suas magoas, e que vos não deixavam darlhe o remedio ; vêde aquelle filho, supponde que é vosso, ali aos vossos pés, que o quereis abraçar, que quereis salval-o, e que um braço potente vos arrancava do seu lado: pae, pae, salvae-o que me daes a vida tambem.

- Sim, sim, que seja salvo, bradou emfim o chefe. - E a vossa segurança? Perguntou alguem.

 Nada temaes, disse a m\u00e4e que sentia despertar-selhe no espirito uma esperança pura; se Deus o salvar, não promunciará uma palavra, eu vol-o juro.

É o Filho da Tormenta, a mãe de Eduardo, e Laura, ajudaram a subir o infeliz sem accordo ainda pelos corredores escuros do palacio, e em breve o depunham sobre o leito de Theodoro. Paulino seguia-os de perto, e os companheiros, pouco capazes de pensar um momento nas dóres que opprimiram tanto a tantos corações, riam do que se passara, e dividiam o que tinham roubado da carruagem dos viajantes, e o mais que tinham empolgado n'um dia.

Só Fernando ficara pensativo na escuridão do corredor e pensava na vehemencia da sua promettida esposa, em favor do estrangeiro.

- Este enthusiasmo... pensava elle, é força que a vigie!... adoro-a tanto!

E passando depois da sensibilidade apaixonada á raiva e ao desespero, bradava:

- Deus te livre, vagabundo infame, se pretenderes atravessar-te no caminho de rosas que eu sonhei; porque eu heide saber transpol-o ainda que te calque aos pés!

E corria rapido ao encontro de Laura ; e era tal o poder do seu amor, que do espanto que tivera encontrando vil o homem que tanto respeitara, nem sequer se recordava já. Encontrou Laura no salão superior, e disselhe então baixo:

- Minha Laura, o nosso amor?

- Deixae-me; que me importa! respondeu ella.

- Ah! bradou elle, como se fora o rugido d'um tygre; sentindo que o sangue abrasante lhe escandecia a fronte. Quiz caminhar, não pôde ; uma vara d'aço o especara mo solo.

Laurra continuou no seu caminho, nem sequer olhou

- G) que será de nós ?! murmurou elle.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

# HISTORIA NATURAL.

AS ABELHAS.

(Primeira carta a minha filha.)

Has de ter notado em os nossos passeios campestres como voltejavam contentes em volta das flores esses pequenos insectos que te disse chamarem-se abelhas. Recordar-te-has d'aquelle zumbido que faziam em torno das espigas d'alfazema, que tão bonitas florescem nas ruas da quinta onde passastes os primeiros annos da infancia.

Bem me lembra ainda o susto que tiveste quando uma te picou a imprudente mão com que foste colher uma espiga onde ella poisava. Pobre insecto! Morreu logo! A abelha raras vezes é aggressora. Occupada sempre na sua faina, só toma a offensiva quando a vão perturbar no trabalho: então arrosta o maior perigo, que é a morte, que lhe sobrevem quando ferra, porque ficando-lhe o aguilhão na picada, perde com elle o intestino grosso a que está unido, e sem o qual não pode viver.

Se te levasse a uma colmeia, fazer-te-hia notar que as abelhas tem sempre uma sentinella postada á entrada da sua habitação. Foi certamente d'este pequenino insecto, que é uma das maravilhas da sabedoria de Deus, que os homens aprenderam a vigiar com escutas os seus acampamentos e quarteis militares, porque muito antes da guerra ser classificada como sciencia, e se compilarem leis para esta profissão, já as abelhas existiam. Aquella sentinella vigia pela segurança da familia, e em caso de perigo, dando rebate, acodem as abelhas, saindo em tumulto da habitação, e perseguindo quem as incommoda, até larga distancia. Empregam porém n'estas occasiões uma tactica, que merece mencionar-se. Duas ou tres dirigem-se ao rosto do imprudente que se lhes aproximou da colmeia, revolteiam avisando-o com o zumbido para que se retire; mas se persiste, então picam-o.

Tambem o ruido as irrita, e n'essa occasião são terriveis. O mesmo acontece duas ou tres horas antes de rebentar uma tempestade, e os homens do campo onde ha proxima alguma colmeia, adivinham por ellas a trovoada. Quando lhes faltam viveres vão atacar outro enxame que tomam a offensiva.

Estas indicações hãode fazer-te pasmar dos instinctos d'estes animaes. Isto porém ainda não é tudo. A regularidade com que no seu pequenino reino marcham todos os trabalhos, e o seu estremado amor de ordem, podiam servir de modelo aos estados ainda os melhores go-

livro da natureza, por aquelle que em todas as obras é perfeitissimo, e lançou n'este mundo milhões de exemplosda sua sabedoria para nos demonstrar a cada momento a nossa ignorancia e imperfeição.

Ouve, pois, para te convenceres do que acabo de dizer-te, a historia d'estes insectos.

Ha muitas classes de abelhas, porém na Europa só uma é conhecida. Ellas não trabalham isoladamente, mas em enxames ou familias, porque a natureza lhes ensinou que a união constitue a força, e por este meio os seus esforços se tornam mais productivos. Um enxamecontém a abelha mãe, ou rainha, ou mestra, que por todos estes nomes se designa, alguns milhares de abelhas neutras ou obreiras, e algumas centenas de machos, ou zangaos.

A abelha obreira é pequena de corpo, e o tamanhovaria segundo o alveolo onde se creou. Tem um aguilhão direito ou recto, armado de uma especie de dentes, em numero de seis.

A rainha é um pouco mais grossa de corpo, e logo sedistingue á primeira vista, pelo abdomen mais volumoso quando está prenhe, e é este o seu estado ordinario. Tem dois ovarios, cujos orgãos abortam na obreira. Tem tambem o aguilhão mais largo, porém recurvado para cima, e armado sómente de quatro dentes.

O macho, mais pequeno que a rainha, tem o corpo mais achatado do que a obreira, a côr escura, e sem aguilhão. O abdomen está occupado na maior parte pelos orgãos da geração, que são retorcidos e saidos para fora do

corpo.

O olfato n'estes insectos é finissimo. Ao amanhecer logo saem da habitação, e n'um vôo seguido, e sem titubear se dirigem ás flores, onde pensam encontrar nectar e polen. Este ultimo recolhem-o e conduzem-o nas patinhas trazeiras. Em quanto umas andam em busca de provisões, outras se occupam nos trabalhos interiores do enxame. Não consentem bocca inutil. Tanto vêem de noite como de dia, e por isso tanto trabalham com claridade como ás escuras. A adhesão á rainha é tal que em caso de perigo todas se sacrificam para a salvar. Tem o instincto tão desinvolvido que se conhecem umas ás outras pela modulação do zumbido. Na colmeia a rainha vigia os trabalhos, e occupa-se incessantemente em reproduzir a sua especie sem exigir por isso mais do que o necessario para o seu sustento. Todos os subditos d'aquelle pequeno reino são eguaes, e occupam-se indifferentemente e com a maior assiduidade, á excepção dos zangãos, no que é util á sociedade, gosando em commum as provisões que depositaram nos seus armazens.

Apenas um enxame escolheu habitação quer no tronco de uma arvore, quer na fenda de uma rocha, é o seu primeiro trabalho cuidar da limpeza do interior da colmeia, calafetando e tapando mui hem todas as fendas ou gretas, á excepção de uma pequena abertura que dá ser-

ventia ao seu palacio.

Em quanto uma parte das abelhas se occupa n'esta operação, executam outras differente trabalho de um modo digno de consideração. Parte das obreiras agarramse ao tecto com os pequeninos ganchos de que estão armadas as patinhas trazeiras; nas primeiras vão-se enganchando outras e outras e outras formando um ramal. Assim se subdividem para levantarem os repartimentos, separados uns dos outros por uma especie de cortinas.

Tomadas estas disposições, e empregados os materiaes que tinham, muitas saem ao campo, até uma legua de distancia, a chupar o nectar das flores, e procurar agua e outras substancias. Quando estão bem providas regressam á habitação, e penduradas no ramal, permanecem immoveis em quanto o nectar colhido se lhes converte em mel no primeiro estomago, ou em cera no segundo, conforme as necessidades da familia. Então segregam o mel formado, ou para o distribuir pelas obreiras que ficaram trabalhando na colmeia, ou para o depositar nos seus armazens.

A mesma operação tem logar em quanto á cera, que tambem a expellem em forma de liquido, e empregam em varios serviços.

Produzem, portanto, simultaneamente, como ves, cera e mel com o nectar que sugam das flores.

Em quanto ao polen, que acima disse recolhido tambem das flores, é uma substancia necessaria para as construcções do tecto e dos lados da habitação. Apenas chegam as que o foram colher, as outras obreiras lh'o vão separar das patinhas onde o levam, em cujas extremidades vae fortemente apegado, e com elle barram a parte superior da cavidade para lhe ir aggregando os outros trabalhos, pois deves saber que as abelhas construem de cima para baixo.

Ora aqui tens uma pequenina pagina d'esse immenso livro a que se chama natureza-livro maravilhoso para o qual diariamente estamos olhando, sem, muitas vezes, o saber soletrar. Se a creatura comprehendesse bem o seu alphabeto não precisaria outros livros para estudar a sciencia, nem outros cathecismos para aprender a veesteja melhor provido. São estes os unicos casos em que | nerar o seu Creador. Mas que queres! Temos olhos para ver e não vemos; temos razão para comprehender e não comprehendemos! De que nos serve o orgulho humano, onde está a sciencia do homem quando em presença só do instincto do mais pequeno insecto temos de nos confessar rendidos e humilhados! ? Não param n'estas maravilhas que acabo de contar-te as industrias das vernados. A sua constituição foi gravada n'esse immenso | abelhas. Mais pasmarás com o que reservo para a seguinte carta, porque esta já vae longa, e quero dar-te tempo para meditar n'estas creadoras harmonias da natureza.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

#### CONSTANCIA DE JESUITA.

Continuação.

IV

- E aquelle amargo sorriso, Laura, que assomava aos labios de Luiz, quando nos ouvia vagamente que sairiamos a fazer vida de solitarias?

-Sim, prima Isabel... E como elle com aquella pallidez, com aquella tão nobre cabeça levantada, e com os ademanes tão cortezãos, se é possível inda me parecia mais interessante que nos primeiros tempos!... E comtudo eis-nos separados, sem dizer-lhe um adeus de despedida; sem deixar acesa n'aquelle coração, tão meu promettido, e tão meu afiançado por obras extremes, uma luz d'esperança, que o guie na escuridade da ausencia, que o mantenha devoto, para que um dia, quando a fortuna ou a gloria lhe derem azos de pretender-me, venha levar-me d'este ermo, e subir-me de moça tutelada ao estrado de dona independente do mundo, e só escrava do seu amor!...

Isto dizendo, via-se que o semblante melancolico da joven Laura se espelhava nas aguas, e denunciava soffrimento. Quaes penas do coração haverá que não as denuncie um olhar choroso, e um rosto demudado? A vivacidade d'aquelles olhos quebrara-se; aquelle rosto loução, e aquelles donaires da figura tinham-se convertido em tristeza e languidez!

Havia ali receios e incertezas, que só Isabel por confidente podia perceber; e que as devotas preceptoras traduziam por influencia da vida contemplativa. Se Laura acertava de retirar a vista incerta da esteira que apoz si deixava o batel, era só para eleval-a ao ceo, e exhalar um suspiro magoado.

O sol ia dizer ao dia o derradeiro adeus. Já sobre as rochas fragosas do oriente uma fita de suave claridade annunciava a lua prateada, prestes a surgir para gyrar no firmamento.

Quando depois d'algum tempo de mudez as duas primas aproavam á praia, um accidente fatal veiu complicar a situação do ermo.

Soíam por então corsarios francezes, inglezes, e moiriscos, pairar nas alturas dos Açores, espreitando as naus que vinham pejadas de ricas mercadorias indianas, a que não poucas vezes davam caça e pilhagem. Eram frequentes as incursões das galés em praias desapercebidas, para roubos e raptos, que depois obrigassem custosos resgates. Algum tempo porém havia, que a raridade d'estes casos trazia mais confiados os animos, e só isso pudera justificar a adopção que as nossas eremitas feito haviam d'aquelle logar solitario, confinante com a praia, para estabelecerem piedosa residencia.

No instante a que nos referimos, viu-se de improviso surgir mui surrateira lá das bandas de leste uma pequena embarcação, rasa, cosida com a terra, montando a ponta, e voando para dentro da bahia, impellida por alguns remos que braços vigorosos moviam a compasso. Fazendo caminho sobre a pequena barca que estava prestes a tocar a praia, deram occasião a que as duas primas reconhecessem seus terriveis aggressores. Barbas e turbantes barbarescos eram estandartes que se não confundiam n'aquellas eras de choques religiosos e politicos.

Algumas vozes soltaram um grito de dolorosissima anciedade! As duas jovens, surpresas, desfallecidas, só poderam exclamar a um tempo, como se as fulminara a electricidade do raio:

- São moiros! . .

Com effeito uma galé argelina seguia sobre ellas.

- Pelo kalifa Almanzis, que acabarão sobre a terra estes feros nazarenos, que teem sido para nós mais que um açoite do inferno!

nossas terras faziam, guerreando a santa lei do Prophe- cas aos dominios da organisação social, ou mo influxo que ta, e immolando os crentes, juro-lhes pelo Koran, que lh'as pagarei como prodigo; e ai d'elles ante o meu braco e o meu alfange! . . .

-Allaha!... Allaha é por nós, e pela nossa raça offendida! . . .

A estas vozes seguiram-se alguns momentos de silencio.

O primeiro interlocutor, musulmano adiantado em annos, com barba longa e espessa, alva como frocos de neve, sentado n'um banco da antepara da galé, acompanhando o soido das aguas que a prôa cortava, continuou com tom prophetico como de fakir:

O sangue innocente, derramado por nossos avós na peleja ou no captiveiro, cairá sobre a fronte d'esses portuguezes, degenerados filhos de Henrique, que, de altivos e barbaros conquistadores, Allaha fez tibios e acoAllaha! Que o teu nome santo seja para sempre bem- fado da monotonia a trivialidades de uma vida sem as ex-

acompanhavam toda esta pratica, que ainda foi por diante, mas que nos interrompemos aqui. Inutal fora dal-a toda por inteiro, quando o espirito que a animou foi sempre um. e facilmente se deprehende do que, como pequena amostra, deixamos apontado.

Entretanto, se a vingança abria caminho ás incursões d'estes barbaros nas praias dos Açores, no momento que agora historiamos, depois do rapto das duas jovens, que Em ambas as circunstancias apparece o gosto publico apjaziam estendidas sem accordo no fundo da galé, um mystico magnetismo desarmara a fereza argelina, que para aquellas duas creaturas, coroadas de frescura e belleza, nem piedosos nem impuros tinham elles voltado olhos.

Depois que braços herculeos, abordando a lanchinha, tinham levantado no ar, e deposto na galé as captivas, caidas apavoradas e sem signaes de vida, tudo retomara o estado ordinario. Restabelecera-se a altercação e insoffrivel vozeria. Não mais se ouviu um respiro ácerca do feito que acabava de occorrer.

O clamor, o alarido, o pranto em que ficaram inconsolaveis Petronilha da Motta, Maria dos Anjos, e as outras duas pupillas não houvera pintal-os. Mas isso não commoveu de nenhum modo as almas despiedadas da moirisma, que costumava banquetear-se com lagrimas e

Com a mesma diligencia com que vieram assim se foram. Tornaram pelo mesmo caminho. Dentro d'uma hora já estavam acolhidos á galeaça que na abrigada do ilheo de Villa Franca do Campo lhes ficara em guarda.

Ao cabo de alguns dias deitaram a fora do archipelago açoriano. As captivas eram alimentadas cada dia com o preciso a lhes manter a vida. Obstinando-se em rejeitar por muito tempo o sustento, cederam emfim á vehemencia da fome.

Uma grande mudança, e desgraça inda maior que a bel emmudecera. Ninguem adivinhava como o discurso lá por dentro lhe ia. Acenos não os empregava, physionomia não a demudava. Só não parecia crer-se contrafeita. Laura, essa fora mais infeliz, se inda podem comparar-se destinos tão grandemente infaustos. Perdera a razão, e com ella os meios de prover ao seu livramento, com reclamações que á casa paterna enviasse!

Que será feito d'ellas em tal estado?!

Continua.

José de Torres.

CRITICA LITTERARIA.

MIRAMAR.

DRAMA EM 4 ACTOS

Por

MENDES LEAL, JUNIOR.

O gosto e predilecções das platéas apresentam phenomenos de difficil analyse e quasi impossivel justificação. Saint-Mac-Girardin, n'um dos seus artigos admiraveis tadores não acolhe este genero porque lhe pareça o mais pela agudeza e perspicacia de uma critica que inquire e elucida sempre com os esplendores do seu estylo imagi- analyse, mas porque aquellas situações de cadafalso e punoso muitos dos segredos da historia e da litteratura, já intentou demonstrar as causas moraes porque a edade agrupam e agitam sob o poder quasi miraculoso dos capripresente não é climaterica para a tragedia; e muito antes chos de uma phantasia desvairada, são os unicos estimulos d'elle, na Revue de Paris, Ed. Masères, n'uma longa dis- que conseguem erguer esses espectadores dos abysmos da sertação, declara fugida do theatro a comedia, mas a ge- sua indifferença ou do espasmo da sua ignorancia. É n'esnuina e caracteristica comedia, buscando as razões d'esta tes momentos que aquella parte do publico, que Victor decadencia na transformação da sociedade moderna, e, o Hugo qualifica de publico de sensações fortes, acorda em que mais é, filiando até essas razões na mudança do re- sobresalto, como o cadaver sacudido pela pilha voltaica, gimen absoluto para o systema representativo, mudança espasma diante das grandes surpresas, rompe em palmas contraria a todo o genero de existencia domestica, a todo phreneticas, e uma atmosphera de enthusiasmo confunde esse reinado de salão, de intrigas galantes, de vida episodica, de escandalo e platonismo, de typos proclamados. dos do tyranno da peça, que, parodiando as furias de de fulgor e leviandade de espirito, de absorpção, emfim, da vida publica em certas classes privilegiadas, unicas lado, para harmonisar o quadro rembrandtesco, solta fontes que inspiram e podem prestar elementos naturaes á verdadeira comedia.

Mas ir procurar os principios das aberrações, ou, pe-- Um milhão á minha parte ! . . . As saidas que em lo menos, da versatilidade do gosto pelas obras dramatio machinismo politico possa exercer sobre as manifesta- fica mais uma vez o dito de Napoleão: du sublime au rições da arte, é porventura uma tarefa digua dos homens dicule il n'y a qu' un pas. que tratam de achar a explicação de todos os problemas litterarios nas theorias da philosophia prattica, mas que está fora do nosso alcance, e ainda mais do nosso proposito, escrevendo este artigo. A nossa observação, n'este ponto, resume-se em pouco; resume-se em conhecer que, por via de regra, as tendencias das platéass propendem quasi sempre no sentido inverso dos acontecimentos do mundo real; e que nos periodos de irrittação popular essas bacchanaes que irritam os sentidos degradando a buscam, como para mitigar as exacerbações dos espiritos, as scenas pacificas de producções cuja intriga se desinvolva sob o impulso de sentimentos brandlos e conciliadores, assim como nas epocas de remanso e adormecimen-

citações que preoccupam e acendem os animos. O reina-A vingança reflectia nas palavras e nos gestos, que do cortezão de Luiz xiv via placidamente reproduzir na scena as situações violentas do theatro de Eschylo e Sophocles; em quanto que a Convenção passava dos horrores do cadafalso, vinha ainda com as mãos tintas de sangue das hecatombas fratricidas em que um povo se devorava invocando os sacrosantos dogmas da liberdade, assentar-se nas platéas e victoriar com phrenesi as allegorias insulsas dos dramaturgos anonymos d'esse tempo. pellando da monotonia dos factos da vida-quer dos factos de uma vida inflammada pelas paixões politicas, quer dos factos de uma vida amollecida pela acção oppressora da soberania despotica - para os seus contrastes sobre o

Estes ultimos tempos, porém, esquivam-se a todos os resultados concludentes. O gosto pelas producções da scena corre desvairado e como que sem criterio para poder fixar-se sobre ponto conhecido ou em genero qualificavel. Em menos de vinte annos as predilecções das platéas teem percorrido toda a escala dramatica, desde a tragedia até ao vandeville, desde a peça phantastica até ao drama intimo, lançando, apenas de fugida, aqui e ali, um reparo ligeiro, ou arremessando, como por favor, uma ou outra coróa, mais crestada que bafejada pelo favor da popularidade, a essas glorias litterarias, que em despeito de todas as contrariedades teem fulgurado sobre a scena pelo esplendor do seu genio. As tragedias de Casimiro Delavigne, os impetuosos rasgos de paixão e poesia de Victor Hugo, as creações elegiacas de Alfredo de Vigny, os lances de surpresa de Alexandre Dumas, as inspirações da musa classica de Ponsard, os proprios estudos da sociedade presente de Dumas filho, de Barrière, de Thibust, ou o genero encetado pelo talento delicado de Octavio Feuillet e Alfredo de Musset, tudo tem surdido na scena e desapparecido como meteoros mais ou menos do captiveiro, tinha occorrido n'aquelles espiritos. Isa- scintillantes, deixando apoz si apenas os rastos da luz. que a passagem dos verdadeiros engenhos assignala nos horisontes da arte, na memoria dos raros apreciadores da boa litteratura dramatica. Fora d'esse circulo estreito nem uma lembrança perduravel, nem um padrão erguido que atteste a selecção publica por um genero seu predilecto.

Parece que a sociedade tomou os espiritos e lhes embotou as sensações para a percepção das verdadeiras bellezas da arte, seja qualquer que for a forma sob que ella se manifeste. E é por certo pela extincção d'este fogo intimo, pelo amortecimento d'este sexto sentido, o unico que ergue a alma á comprehensão das obras, filhas legitimas do talento e do estudo, que vemos as platéas, ainda as mais selectas, só acordarem da especie de turpor que as insensibilisa, quando se accumulam no palco todos esses apparelhos melodramaticos que sacrificam a logica e naturalidade da acção ás scenas de surpresa que firam e alborotem o animo das turbas. O publico quer hoje mais obras para os olhos do que para a intelligencia: exige quelhe estimulem a imaginação, e agasta-se se o obrigam a pensar. O drama convertido n'um jogo mechanico de lances e peripecias, ou, a ter de influir pelo sentimento, carregado de todas essas impressões tenebrosas que põem os affectos em sobresalto e levam a phantasia a sonhos desesperadores, este drama é o genero que triumpha ao presente no theatro. E a generalidade dos especperfeito, ou o adopte em consequencia dos resultados da nhal, aquelles transes afflictivos de personagens que se os brados de applauso da platéa com os bramidos iracun-Ajax, fere a victima á bocca do proscenio, que, pelo seu gemidos de possesso e contrafaz a physionomia em esgares de Eumenide. São as noites de Úgolino trazidas ao palco; são os episodios de Dante postos em acção; é um pandemonio de sentimentos em conflicto, em que o sublime da paixão levado aos extremos da hyperbole veri-

Mas deverá caminhar assim a litteratura dramatica? Deverão ser os seus filhos mais predilectos aquelles que a arremessem das alturas esplendidas da inspiração e da arte nos precipicios da depravação do gosto? Não será a missão do poeta, o que Melpomene ou Thalia bafejou no berço, erguer-se em nome do seu genio e da scena ultrajada por essas parodias das atrocidades de Triestes, por intelligencia, não será o dever do poeta protestar contra essa decadencia prematura de um genero que influe tão directamente nos costumes da sociedade?

È este o grito de censura amarga que nos despertou to das grandes paixões civicas, os quadros de movimento la representação do Miramar. Custa-nos realmente ver e luta de contrastes para todos os affectos, são os mais associado o nome do sr. Mendes Leal a esses especuladobardados. Grandes são os teus juisos e os teus castigos, applaudidos, porque se julga encontrar n'elles o desen- res, que sem lhes importarem com os destinos do thea-

tro, vão atraz dos devaneios do gosto, ou antes da depravação do gosto. O nome litterario do sr. Mendes Leal impõe deveres a que não é licito fugir sem crime de lesa litteratura. È preciso que o homem não atraiçoe o poeta, porque o critico tem direito a pedir contas de um ao outro. Não são tão abundantes os engenhos entre nós, e mui principalmente os engenhos creadores da scena, que se veja com indifferença o talento, que raiou para o theatro, perder-se por entre os desvarios de creações onde a verdade de sentimento é immolada ás visualidades das situações imprevistas, ou aos furores das paixões desencadeadas.

Não queremos fazer do sr. Mendes Leal um martyr da arte. Mas se os primeiros nomes, que figuram com Justre no rosto do moderno repertorio nacional, seaggre-

garem a essa caravana de engenhos anonymos, cuja pro- mem solteiro — loucuras que se embriagam e deleitam, fraca e timida nos breves instantes do prazer, seja intrecedencia se ignora assim como os destinos a que se dirigem, que será do theatro, da poesia, que será de qualquer das formas que o talento busca para a sua manifestação?

Comprehendemos que um empresario do theatro explore a ignorancia das platéas e corra pressuroso atraz de todos os desvairamentos do gosto das turbas, afim de lhes espreitar os caprichos e satisfazer os mais frivolos desejos. N'estes é desculpavel o intento, porque explicam os ta e oito horas estarei casado. seus maiores attentados contra a arte pelo avultado das receitas. Em o theatro refluindo de espectadores o drama ou a comedia são bons, embora a censura illustrada se não digne de lhes lançar os olhos com receio de avilponto é reduzil-a aos seus termos menos litterarios. E não a resgatam d'esta macula original as palmas e brados de applauso de duas ou tres noites, com que um publico enebriado pelo effeito magico de algumas scenas de excitação sentimental, coroa o escriptor. Esses brados morrem sem ecco, essas palmas murcham nas mesmas noites em que brotam, sem que nem uma vá enramar-se na co-Toa do poeta; e o poeta acorda do seu sonho de popularidade ephemera para se ver no dia seguinte alistado na longa fila dos Anicet-Bourgeois e Victor Ducang! E mais do que ninguem, o illustre autor dos Homens de Marmore deve de sentir o espinho de uma censura intima pungindo-lhe a sua bem entendida vaidade litteraria, porque n'essa noite que o theatro normal representou o seu drama Miramar, fez justamente um anno que um publico illustrado tinha visto sobre o mesmo palco a obra porventura mais perfeitamente litteraria do poeta, a Herança do Chanceller. A musa graciosa que lhe inspirou este mimo lyrico quasi que se retrahiu da scena, velando a fronte como que espavorida d'esses artificios para que appellara um talento tão seu, tão bafejado pelos favores de uma inspiração brilhante e creadora. O Miramar faz crer que o seu autor, desdenhando as glorias aqui terei o meu asylo.

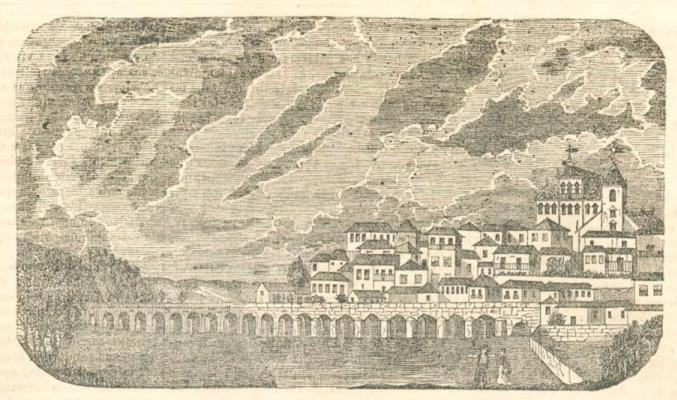
menos ruidosas proclamadas pela critica e acceites pelo consenso da opinião esclarecida, tornara ao ponto d'onde partira, aos Dois Renegados, e ao Homem da Mascara Negra, buscando na exageração do genero applausos mais estrepitosos. Mas é impossivel que o poeta se tenha enganado a esse ponto. A escola ultra, como todos os extravios do natural, teve o seu reinado e passou. O proprio monarcha de essa escola, Victor Hugo, vive em despeito do genero e não pelo genero.

ANDRADE FERUEIRA.

VIAGEM A RODA DO TOUCADOR DA MINHA EMILIA.

MEMORIAS DE UM NOIVO.

Estou para me casar! De hoje a dois dias serei o ente mais feliz do universo. Direi eterno adeus ás leucuras de ho-



Mirandella.

tambem apressam uma velhice prematura.

Adeus para sempre noites tempestuosas de orgia e de-

Adeus para sempre horas de illusão, seguidas de amargo desengano!

Adeus meus sonhos delirantes, em que a imaginação tomou sempre maior parte do que o coração!

Vou romper eternamente comvosco. D'aqui a quaren-

Quanto tardam estas horas de serenidade para quem ainda vae correndo desarvorado por este tempestuoso é um signal sensivel que confere a graça aos que o reoceano da vida de solteiro!

N'este momento em que estou sinto a pouco e pouco tar os seus altos intuitos. Mas collocar a questão n'este ir-se enfraquecendo o tufão; vejo romperem-se as nuvens da tempestade, e clarear no horisonte o limpido ceo da lher foi formada do homem :

> Empregarei as horas que ainda me faltam para chegar ao poorto, cuja proximidade já as aves do ceo me indicam, ee as brisas da terra me denunciam, em me preparar para dignamente poder entrar no templo da minha felicidade, onde tenho de ir agradecer ao Omnipotente tamanha ventura.

> Este templo, se o não edifiquei por minhas proprias mãos, foi comtudo por mim adornado. Não lhe esqueci nada. Quanto o pode embellesar ahi foi collocado com um esmero, com um cuidado, com uma vontade que hãode provar o fervor do meu culto.

Este templo é o toucador da minha noiva!

De certo passarei aqui as horas mais mysticas da minha existencia futura. A amisade e o amor fal-as-hão voar rapidas como minutos. Nem uma sombra de desgraça me poderá alcançar n'este templo do pudor e da ternura.

Se os vaivens da fortuna me perseguirem no mundo,

A minha Emilia, que na hora da felicidade toda é fraqueza, timidez e dependencia, á aproximação do mais leve incommodo reunirá todas as forças do seu animo para, como por encanto, ser a minha consolação e esteio, soffrendo com inabalavel firmeza os procellosos furações. da adversidade.

A Providencia determinou que a mulher, mero prazer do homem nas felizes horas da vida, seja seu conforto e arrimo quando oppresso de calamidades.

Quando vejo a videira que por longo tempo circundou o carvalho com gracioso enleio, sendo por elleelevada, conservar-se-lhe unida, e ligar-lhe com seus elos os esgalhos que o raiolhe fendeu no rijo tronco, logo a imaginação me recorda a mulher levada pela mão da Providencia ao encontro

do homem, para que ella, pida e elevada nos longos martyrios da amargura.

Até a religião me santifica esta sociedade legitima entre o homem e a mulher, que o proprio Deus instituiu quando disse a Adão e a Eva: - crescei e multiplicae.

Nos tempos antigos o casamento só foi um contracto civil, que por sua natureza estabelecia uma communidade indissoluvel até à morte de qualquer d'elles. Veiu o maior de todos os philosophos do mundo, o Salvador, o Christo, e elevou-o á dignidade de sacramento.

Assim considerado, ensina-me a religião catholica que cebem, e significa a união de Jesus Christo com a egreja, na representação das seguintes imagens.

A egreja foi formada de Jesus Christo; assim a mu-

Jesus Christo é chefe da egreja, como o marido é o chefe de sua mulher :

A egreja e Jesus Christo fazem só um, e assim o homem e a mulher:

Um mesmo e unico espirito anima Jesus e a sua egreja: um mesmo e unico espirito deve animar as pessoas

Jesus Christo ama a egreja, e a egreja respeita o seu divino esposo. Taes devem ser os sentimentos do marido para com sua mulher, e da mulher para com seu mari-

Jesus está unido inseparavelmente á egreja, e nunca a abandonará: nada ha que possa romper sua união e reciproca fidelidade. Assim acontece com o marido e com a mulher: devem, durante a vida, guardar-se inviolavel fidelidade, e sua união sómente se pode romper pela morte d'um d'elles.

Estas imagens tão santas, tão puras, e tão christãs, induzem o marido a amar sua esposa, a dar-lhe bons exemplos, a ser indulgente para com os seus defeitos e fraquezas, e a tratar com ella dos seus negocios quanto a prudencia o permitta.

> Elle é o senhor; e antes do peccado original era esta uma doce superioridade que depois se mudou n'um agro predominio para castigar o or gulho da mulher.

> Porém um esposo virtuoso sabe tornar amave este jugo, e a união de dois corações forma um accordo tão perfeito, e torna tão facil e tão agradavel á mulher a sua obediencia, que se dirá que clla compartilha a autoridade com seu esposo.

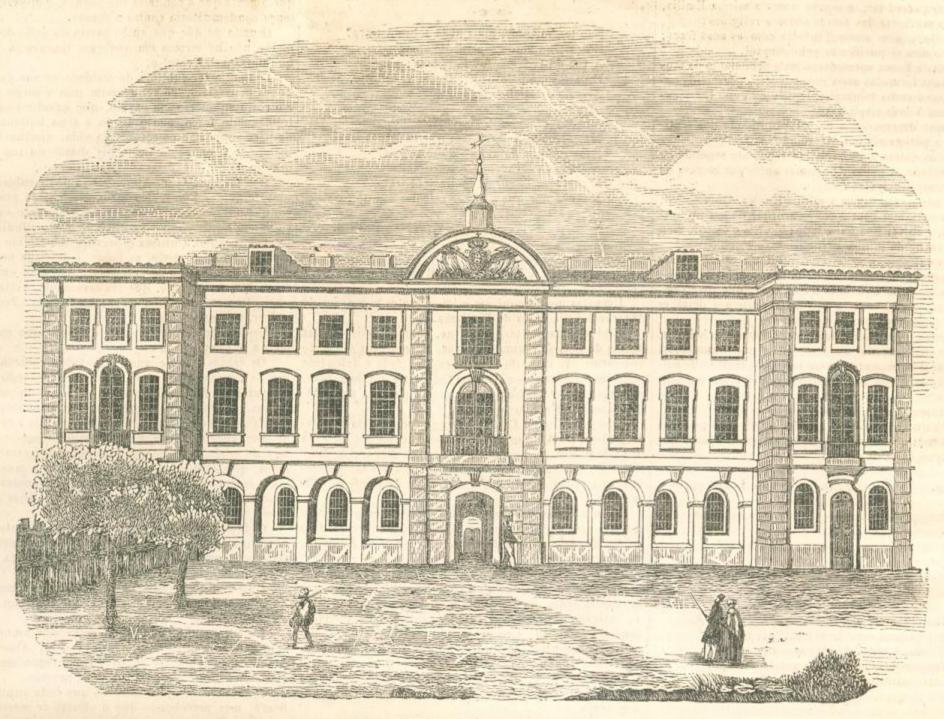
Etambem ella, por sue parte, deve respeitar a honrar o marido, ser-lhe submissa, mesmo ainda n'esses momentos de humor altivo e desarrasoado: fazer o possivel por induzil-o á virtude, captival-o pelos seus exemplos, sua paciencia e conformidade, não esquecendo nunca que a felicidade vive presa á sua complacencia e docura.



O Cabo Ai-Todor.

III

Como esta esposa christa, que a minha religião



Quartel de cavallaria em Evora.



Abbadia de Westminster.

me ensina a acreditar, e espero o seja a minha Emilia, differe das mulheres das outras seitas e religiões!

Estas são o oiro ainda d'involta com as suas fezes;

aquella é o oiro já purificado pelo chrysol.

A Grecia e Roma apresentam-me a profanação da mulher nas suas formulas mais repugnantes, pervertida pelo vicio que marcha triumphante de uma Juno incestuosa para uma Venus impudica!

Mahomet descreve-m'a na voluptuosidade dos senti-

dos entre a polygamia e o divorcio!

Todas as outras seitas rebaixam-me este segundo eu na humanidade, a ponto de a tomar antes por escrava do que por companheira!...

Não: não quero assim a minha Emilia. Quero-a tal, que possa exclamar com Adão ao acordar do seu profundo somno, e ao ver Eva a seu lado: - «Eis o osso do meu osso, e a carne da minha carne.»

Aqui está, pois, o motivo porque dou tanto apreço ao

adorno do toucador da minha Emilia.

Quero que ella ao entrar n'esta casa, que para sempre vae ser sua, reconheça nos mais pequenos detalhes quanto a amo, e quanto a respeito.

Não será conduzida até aqui, como as antigas hebreas, ao som de instrumentos musicos, entre um innumeravel cortejo que a acompanhe; entre ramos de murta e de palmas. Virá encostada ao meu braço que vae ser seu protector.

Oh! como seremos felizes.

E para que nada falte a esta felicidade vou passar a ultima revista ao toucador que lhe preparei. Quero que o ache digno de mim e d'ella.

Continua-

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

## REACÇÃO.

Não posso crer extincta a grande vida Que já meu coração viveu... ai! não. E cedo, é cedo. Ainda, ás vezes, sinto Nas mornas cinzas d'um volcão extincto Luzir scintilla ardente de paixão.

00000

Relampago fugaz me luz na alma; No sangue sinto electrico vigor; Mais linda vejo a terra, o ceo mais lindo; Desvairo-me em visões d'um mundo infindo; Resinto o palpitar do antigo amor.

Chimera louca de infeliz que espera, Perdido nauta, a salvação por fim! Desceu perpetua noite em minha vida: O meu dia lá vae, a aurora querida Jámais tem de luzir, jámais p'ra mim.

000000

E triste! Mal sabeis que sangue é esse Que vem no pranto do que diz «sou só!» Tremendo deve ser o desconforto D'aquelle que palpou no peito morto, Em vez de coração, urna de pó!

Não mais se vibram n'alma os grandes hymnos, Tangidos pela mão de ignoto Deus. Não mais se eleva o canto ardido e ousado; O genio cae, e arrasta-se aviltado, Não pode mais fitar olhos nos ceos

1000 po

A gloria? Não mais luz nos sonhos d'elle. Vaidade? Nem do genio a tem sequer. A gloria! oh! ella é bella quando é filha Do coração, e reflectida brilha Na fronte pura e virgem da mulher!

00000

Sem amor, sem paixão, que importa o genio? É dom terrivel que exacerba a dôr; E lente que engrandece aquelle abysmo Onde mora o terror, d'onde o cynismo Repelle o anjo bom do santo amor.

1000

Se eu amasse... talvez sentisse enlevos Que me erguessem do lodo d'este chão, Em extasis de crente, onde já pude Levar os sons do mystico alaude Que emmudeceu, exhausto o coração.

1000

Talvez amasse a vida, e amasse os homens E cresse na virtude, e ardesse em fé, E desse a mão aos desvalidos d'ella, A quelles que, nas vascas da procella, Não podem crer que Deus refugio é.

#### 00000

Não tenho, pois, mais nada sobre a terra? É desatino ainda esperar do amor A voz da redempção? Pois bem: a morte É premio, é galardão... Homem, sê forte, Arrasta á sepultura a tua dór!

00000

Mas arrastal-a deves sem que os labios Revelem que da angustia escravo és. A maxima coragem nas torturas E calal-as. «Soffrer, fingir venturas» E ser maior que a dor - calcal-a aos pés.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## VILLA NOVA DE PORTIMÃO.

Uma das mais populosas e importantes povoações do Algarve é Villa Nova de Portimão.

Está situada em terreno plano, a pouco mais de duas leguas de Lagos, e uma de Alvor, na margem d'um rio que forma um magnifico porto, cuja entrada é defendida por duas fortalezas - a de Santa Catharina, e a de S. João, e no qual pode fundear e estar com segurança um avultado numero d'embarcações.

Gonçalo Vaz de Castellobranco, escrivão da puridade d'el-rei D. Affonso v, foi o primeiro senhor de Villa Nova de Portimão, por mercê do mesmo monarcha. Martinho de Castellobranco, filho de Gonçalo Vaz, foi elevado por el-rei D. Manuel á dignidade de conde de Vil-

Com o andar dos tempos veiu a pertencer o senhorio d'ella á casa de Lencastro em consequencia do consorcio de D. Magdalena de Vilhena com o conde de Figueiró, D. Pedro de Lencastro.

Villa Nova de Portimão tem uma unica parochia com a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Ha ali casa de misericordia, e um hospital pertencente á mesma. Teve antigamente um convento de capuchos da Piedade, fundado em 1541, e no arrabalde do lado da terra, um collegio de jesuitas, que parece ter sido fundado em 1660.

Commercialmente, Villa Nova de Portimão tem muita importancia; e considerada por este lado, se não é a primeira provoação do Algarve, é de certo das mais con-

sideraveis.

# QUARTEL DE CAVALLARIA EM EVORA.

O bello e vasto quartel de cavallaria em Evora, foi edificado no castello que fazia parte das obras de defesa da cidade.

Em 1774, o conde d'Atalaia, governador da provincia do Alemtejo, ordenou aos deputados do celleiro commum, que se achava então no castello, que despejassem a parte que o mesmo celleiro occupava, afim de se proceder ali á construcção dos quarteis necessarios para um regimento de cavallaria.

Não se sabe quem traçou o edificio, nem quem dirigiu a obra; mas suppõe-se que esta, começada por esse mesmo anno, fôra interrompida por bastante tempo.

E certo, porém, que em 1793 continuou de novo sendo dirigida pelo tenente coronel d'engenheiros Villa Nova, que mais tarde foi substituido pelo major Sant'Anna, tambem d'engenheiros. Foi concluida em 1807.

O quartel é da forma d'um rectangulo. Tem 335 palmos de frente e 322 dos lados. Em cada um dos cantos eleva-se um torreão. Consta de dois andares para alojamento dos officiaes, praças de pret, arrecadações, secretaria, etc., e do pavimento terreo que serve para as cavalhariças. No centro tem um pateo, de 86 palmos, quadrado, que muito facilita a ventilação de todo o edificio.

A gravura representa a fachada principal, que se vê ter sido feita com gosto, reunindo belleza e elegancia.

## POBRE LUIZA!

BOMANCE CONTEMPORANEO.

Continuação

# QUEM ERA LUIZA!

Luiza recuperara os sentidos.

O medico ao examinal-a, quando ella chegou a casa com o sr. Almeida, voltou a cara para o lado e torceu o

-É serio? perguntou o sr. Almeida n'aquelle momento de anciedade.

O Esculapio, endireitando então os oculos que sempre trazia assestados no adunco nariz, e piscando os olhos, que, graças áquella maravilhosa invenção, podia de ter assumido aquelle ar de balofa e affectada sciencia te articulados.

que a gente que o conhecia lhe negava, e proferiu a sentença condemnatoria contra a doente.

O grito de dôr que então partiu do peito do sr. Almeida não ha termos em qualquer linguagem humana que possam descrevel-o.

Chegou a ser sublime de fealdade na sua desolação. Todos pensariam, ao vel-o assim com o corpo curvado e o rosto submerso em pranto, que aquelle homem extremamente fraco, e não tendo a alma bastante elevada para supportar os revezes da vida, ajoelhava humilhando-se e exhausto de forças diante do seu terrivel

E era assim. O sr. Almeida não podía subjeitar-se á idéa de perder Luiza. No meio, porém, da prostração, em que o desengano do douter lhe fizera cair o espirito, cobrando novos alentos, porque desejava illudir-se a si mesmo, porque a ultima esperança lhe era tão cara como a ponta do rochedo, ao longe, é desejada pelo nauta que se vê em perigo de vida; o sr. Almeida, em um accesso de generosidade, que era rara n'elle, exclamou:

- Doutor, disponha da minha fortuna. Peça o que quizer, mas salve-m'a.

Foi indefinivel a expressão d'alegria que então animou a physionomia d'este.

Os labios finos e quasi achatados contrahiram-selhe; as suissas, d'um preto azevichado, cedendo aos movimentos da face, dilataram-se deixando apparecer algumas bexigas mal disfarçadas, que a natureza lhe scmeara pelo rosto; emfim, como denotando a raça mixta de portuguez e gallego, e a aptidão para empunhar a rabiça do arado antes do que para manejar o escalpello, as mãos, que eram prodigiosamente curtas e grossas, moviam-se apressadas, e esfregando-se uma contra a outra,

O doutor, depois de pensar alguns minutos, e não querendo perder um negocio que se apresentava sob tão favoraveis auspicios, assegurou ao sr. Almeida que empregaria todos os recursos da sciencia.

parecia seguirem as affecções mais reconditas e tumul-

Entretanto eu, Barbosa, e o official de marinha, a quem elle dera o nome de Fernando, tinhamos chegado a casa de Luiza.

tuosas do espirito.

Barbosa então, depois de entrarmos em uma sala contigua ao gabinete onde estava o sr. Almeida com o medico, tomando-me de parte, encarregou-me de dizer ao primeiro que o esperavam duas pessoas.

Ignorando completamente o que tudo aquillo significava, mas percebendo que o official de marinha teria grande influencia na sorte de Luiza, acceitei a missão e fui chamar o sr. Almeida.

Foi n'esta occasião que assisti ao que acabo de descrever-te.

O sr. Almeida não se fez esperar.

D'ahi a momentos, quatro homens, representando cada um faces bem distinctas na vida de Luiza, achavamse sós em uma sala cujas portas tinham sido cuidadosamente fechadas. Esses homens eram Barbosa, o sr. Almeida, Fernando, e eu.

Barbosa, sem dar tempo ao sr. Almeida para fallar,

foi o primeiro que começou:

O sr. Almeida, disse elle, não sabe por ora os motivos que nos trazem aqui. Nem isso importa. Antes, porém, de principiar a dizer-lhe o que quero, tomarei a liberdade de perguntar como está a doente.

- Luiza, redarguiu o sr. Almeida, está pouco melhor. Espero que não será coisa de cuidado. Assim m'o affirmou o doutor ...

Barbosa interrompeu-o, dizendo:

- Sei quem é esse medico. É um grande charlatão. O sr. Almeida hade despedil-o, porque elle é incapaz de curar Luiza. Em seu logar fica o meu amigo Fernando, que é um habil facultativo.

- Mas. . . balbuciou o sr. Almeida.

 Aqui não ha objecções a pôr, redarguiu Barbosa. O unico homem capaz de cural-a é Fernando; e apontou para o official de marinha.

- N'esse caso, exclamou o sr. Almeida, consinto. Vou já despedir o medico.

E juntando a acção á palavra, voltou d'ahi a instantes, dizendo que o sr. Fernando podia ir ver a doente. Barbosa tomou Fernando pela mão e dirigiu-se com

elle para o quarto de Luiza. O sr. Almeida seguia-os; porém Barbosa fechou-lhe a porta, e elle teve d'esperar. - Fernando!... e outro nome, que apenas soou aos

nossos auvidos, foi a exclamação que veiu interromper o silencio que reinava na sala onde o sr. Almeida, passeando, e eu estavamos. D'ahi a pouco Barbosa, entrando de novo, tornou a

fechar a porta sobre si e metteu a chave no bolso; depois, sentando-se, e correndo a mão pela testa por onde se deslisavam algumas gotas de suor frio, começou as-

- Sr. Almeida, se eu não o conhecesse ha muito tempo, se não soubesse que é um.... impudente, continuou Barbosa accentuando n'esta ultima palavra, por certo o não trataria como o tenho tratado.

Sentado defronte de Barbosa, o sr. Almeida fez-se subtrahir á curiosidade de quem tentasse ler n'elles a al- livido ao ouvir aquellas palavras. Quiz redarguir; mas ma negra do homem, e os pensamentos damnados e mes- contava tão pouco com o ataque d'aquelle, que, prenquinhos do invejoso, virou-se para o sr. Almeida, depois | dendo-se-lhe a voz, apenas proferiu sons difficultosamenBarbosa continuou:

- Haverá tres annos, pouco mais ou menos, que no dia 10 de Maio um passageiro chegado da provincia por um dos paquetes que navegam para o Porto, deu entrada em uma das hospedarias da cidade baixa.

Este individuo era um provinciano, e vinha passar alguns mezes a Lisboa, da qual por mais d'uma vez ou-

vira contar maravilhas.

Ignorante, costumado áquella preponderancia despotica, que um homem de fortuna, em terra pequena, exerce desapiedadamente sobre os que o cercam, e não podendo prescindir das zumbaias servis que lhe dispensavam os visinhos, admirando a boa ordem dos seus estabelecimentos e o inimitavel cuidado com que administrava es seus bens, o sr. Almeida, (assim se chamava) quando chegou a Lisboa e se viu desconsiderado e pouco conhecido, em um accesso de heroica e nobre soberba, protestou contra a selvageria d'esta infame gente, que o não apreciava, e jurou ao seu orgulho não tornar a sair de casa senão para o vapor que o conduzisse á sua cara patria.

O sr. Almeida fez-se fulo de raiva quando Barbosa acabou de fallar. Torceu-se na cadeira, assoou-se repetidas vezes, e continuou submisso, dispondo-se, qual criminoso que espera pela condemnação, a ouvir o fim da

predica.

Barbosa proseguiu:

-Eis pois o bom do provinciano encastellado na hospedaria, e esforçando-se por escapar ás seducções que Lisboa offerece aos que querem gosal-a, e principalmente aos que vem de fora.

Umas vezes matava as horas abhorridas da reclusão jogando as damas com o seu companheiro de quarto; outras, cedendo ao cansaço que traz ao espirito uma vida indolente como a que passava, o sr. Almeida deitavase, e o somno, que dentro em pouco the cerrava as palpebras, vinha interromper por algumas horas o continuo martyrio em que trazia a alma.

D'este circulo vicioso nunca elle ousara transpor os

limites.

- Mente, exclamou o sr. Almeida, que se via tão fielmente caricaturado.

- Não direi que não; mas deixe-me continuar, redarguiu apenas Barbosa.

Da desolação do pobre provinciano, ninguem fará idéa senão elle proprio e o seu companheiro de quarto, que, não comprehendendo os caprichos da soberba offendida, verdadeiro motivo d'aquella continuada mysantropia, todos os dias, para ainda mais o atormentar, lhe avivava es quasi suffocados desejos que tinha d'ir espairecer passeando pela cidade.

Fiel, porém, ao sacrificio que a si mesmo impozera, o provinciano resistiu sempre, até que um dia, taxando de demasiadamente escrupulosa a sua consciencia, por um arrojo de atrevimento de que até ali se julgara incapaz, chegou a abrir a janella do quarto e a deitar a ca-

beça de fora.

Rapida e admiravel foi a mudança que então se ope-

rou no sr. Almeida.

Julgando-se em presença do seu companheiro de quarto, que saira, o provinciano voltando-se para dentro, e louco, por assim dizer de alegria, não podendo conter a admiração que lhe causara o que tinha visto, exclamou :

- Que menina tão linda que eu vi!

Tornando a si da allucinação em que caira, o sr. Almeida bemdisse o acaso que fizera estar ausente n'aquella occasião o seu companheiro de quarto.

De triste e carrancudo que até ali fôra, o sr. Almeida tornou-se outro homem no mesmo instante.

Ir ao espelho, pentear a barba e a marrafa, vestir uma sobrecasaca melhor cuidada, e collocar-se á janella em uma posição que ainda mais fazia sobresair o ridiculo da sua figura, foi tudo obra de um momento.

As razões e as circunstancias que o sr. Almeida allegou para justificar a sua transformação aos olhos do companheiro de quarto foram tão banaes, deixaram transparecer tão visivelmente a nenhuma verdade que encerravam, que este, deduzindo uma coisa d'esta phrase mal alinhavada, outra d'aquella, dentro em pouco adivinhou o que acontecera.

Não se pode descrever o desapontamento do provinciane. Nem foi menor por certo a idéa que n'aquelle mo-

mento o sr. Almeida fez a seu respeito.

- E admiravel! pensava elle, tendo eu usado de todos os subterfugios, que me suggeriu a minha grande intelligencia (o provinciano julgava-se homem talentoso) como este demonio percebeu o que não presenceou!

Desde então o sr. Almeida desceu em valor aos seus

proprios olhos cinco por cento.

Por mais d'uma vez, e encarecidamente, pediu ao seu companheiro de quarto que nem uma palavra proferisse para revelar o que acabava de passar-se.

Foi facil conseguir a promessa. Se o seu companheiro de quarto tivesse sido mais previdente, se lhe passasse pela idéa o de que o sr. Almeida era capaz, de certo não annuiria ás suas reiteradas instancias.

Não quero porém antecipar, proseguiu Barbosa. Sigamos os factos pela sua ordem chronologica.

A menina que o sr. Almeida vira da janella do quar-

Então tinha ella vinte annos de edade. Retirada havia pouco tempo do collegio, pela morte prematura do Sua altura sobre o nivel do mar é de 208 metros.

pae que fora um honrado e valente militar, Luiza veiu esquecer junto da mãe, que se achava entrevada desde como a etymologia da sua actual denominação: - paremuito, os rigores da disciplina collegial.

O pae, que, como já disse, era militar, succumbiu a um dos frequentes ataques de rheumatismo de que padecia. Com a sua morte, por essa lei absurda que con- ra de Santa Comba, onde construiu uma ermida com esdemna á miseria a familia do militar que não morre no ta invocação - constando tradicionalmente que, ficando campo da batalha, a mãe de Luiza viu-se reduzida ao ul- esta villa fronteira áquella, denominaram-n'a - A mira timo extremo.

Alma candida e nobre, Luiza trocara a paz de espirito que dá o bem estar, pelas tristezas e torturas d'uma e que coincide com esta tradição: posição precaria, sem ao menos lhe humedecer os olhos uma lagrima de saudade pelo que deixava.

Não era assim sua prima Maria, que o pae de Luiza

recolhera nos dias venturosos da vida.

Altiva e extremamente invejosa, Maria, desde pequena, mostrara sempre as suas más tendencias.

Se algumas vezes seus tios, indo passear, levavam Luiza em sua companhia, ella arrepellava-se, e do cabello, que a criada ainda pela manha tão cuidadosamente tinha penteado, eram no mesmo instante desmanchadas as tranças, e postas em tal confusão que para de novo serem feitas davam duplicado trabalho.

ter maldoso, faziam exasperar os tios, que um dia a re- de fraternisação, o de rio Tua.

prehenderam asperamente.

queriam bem, Maria, tendo a alma cheia de sentimentos ignobeis, com aquella reprehensão ainda mais progrediu na senda que tão erradamente encetara.

Prantos, rogos, tudo que a amisade sincera pode inspirar de nobre, tudo Luiza poz em pratica para suavisar o que ella julgava desconsolação em sua prima.

Debalde, porém. Maria não era mulher que comprehendesse as mysteriosas harmonias do coração traduzidas

pela eloquente bocca da amiga. - Ainda com as tuas palavras, exclamou Maria não podendo já conter-se, vens exacerbar os meus soffrimen-

E um bofetão, dado em Luiza, veiu pôr termo a tudo. Luiza fechou-se no seu quarto, e devorou no retiro as lagrimas, que lhe fazia derramar a ingratidão de sua pri-

Luiza, n'essa epoca, tinha quatorze annos. Maria contava mais quatro. Foi então que seus paes resolveram mettel-a no collegio.

A collegial, porém, nada tem com o que importa sa-

ber. Sigamos pois a mulher.

Como já disse, proseguiu Barbosa, Luiza saira do collegio porque seu pae morrera; e a patria, qual madrasta que não sabe recompensar as boas acções dos enteados, deixou a viuva d'aquelle bravo ssem meios para completar a educação de sua filha.

Luiza recebera no collegio a noticia da morte de seu

O que aquella alma sentiu! As dôres que o seu affecto filial tão cruelmente ferido lhe fez soffrer, soube-as ella mitigar redobrando de carinhos e respeitos para com sua mãe, que era a unica capaz de comprehender o desgosto da orphandade.

nobres, nada ha que possa compensar a lembrança da perda d'uma grande affeição, como outra mais intensa,

mais profundamente sentida.

Dos braços de sua mãe passou Luiza aos da prima. A recepção que esta lhe fez, fria e calculada, em nada diminuiu a affeição porventura immerecida que lhe tribu-

Desde então, a vida para ella correu triste e medonha. A mãe de Luiza peiorava, e os meios de subsistencia

Além d'isto, Luiza definhava-se pouco a pouco. A idéa de que era possivel chegar uma occasião em que por falta de meios não podesse satisfazer a algum desejo de sua mãe, fazia com que o seu espirito andasse em continuo sobresalto.

Sentada ao pé do leito, tendo os seus olhos negros fitos nos da doente, como desejando ler n'elles a vida e a animação que lá não existiam, Luiza passava horas inteiras no eloquente silencio de quem sente uma verdadeira

Para ella, que estremecia sua mãe, não havia prazer maior que o de cuidal-a.

De genio differente, altiva, porque era instinctivamente má, sua prima, encarregada do serviço da cosinha em falta de criada, não escondia já o desgosto que sentia por uma vida tão monotona, nem o odico que lhe inspirava Luiza.

Continua.

M. L. COELUO DE MAGALHÃES.

## MIRANDELLA.

Sobre a situação d'esta villa publicou em 1850 o sr. I. S. R. C. uma noticia da qual tomamos alguns trechos, porque nos parece a mais exacta de quamtas temos vimos publicadas até hoje.

Eil-os.

«Mirandella, cuja população ha tomado um incremento progressivo, está edificada em 41° e 2' de lattitude setemptrional, e 11° e 36' de longitude, á margem esquerda do rio Tuano, centro da provincia de Traz-os-Montes.

«È controverso quando e por quem foi fundada, bem ce-nos, todavia, que será coeva dos moiros, e que fosse, talvez, seu fundador o chamado rei Orelhão, que governou por estes sitios, habitando a ingreme e dilatada serd'ella, depois Mira n'ella, e por ultimo Mirandella.

«Ainda hoje se repete esta lenda, que alguns invertem,

Mira-n'ella, Mira-n'ella, Mira-te bem ficarás n'ella, Quem n'ella bem se mirou - N'ella se ficou.

«E banhada pelo Tuano, rio que tendo sua nascente junto ao logar d'Aziveiro, na Galliza, é animado pelos rios Tuella e Rabaçal. Corre aquelle direito ao meio dia, e estes de norte a sul, convergindo sempre, até se reunirem, sob um angulo agudo, meia legua distante d'esta Estas e outras acções em que se revelava o seu carac- villa, perdendo ahi seus nomes, para tomarem em signal

«E assaz caudaloso, passando todo espraiado debaixo Surda, porém, aos conselhos d'aquelles que só lhe da bella ponte de granito (obra dos romanos), a mais extensa do nosso paiz, apresentando em frente da villa uma largura consideravel; de sorte que, quando trasborda do seu leito, mostra um formoso e respeitavel lago, querendo imitar, por suas orlas verdejantes, as amenidades do Mondego, em Coimbra.

«Foi antigamente murada com debil muro, e fechada com tres portas, do que ainda hoje conserva alguns ves-

«Eleva-se no meio d'ella o magnifico palacio do marquez de Tavora, que offerece aos olhos do viandante, que entra pelo lado do occidente, uma perspectiva pitto-

«Infelizmente este amplo edificio, primor d'architectura gothica, vae-se desmantelando; sendo muito para lamentar, que não seja aproveitado.....

«A villa era foreira a este marquezado, cuja eminente jerarchia é oriunda, segundo a historia nos relata, do combate corajosamente travado por D. Thedão, contra os arabes, nas margens do rio Tavora, d'onde tomou seu

«Proximo a este edificio vè-se a egreja matriz - outr'ora collegiada - que foi recdificada, segundo o gosto antigo, em 1698, exercendo a reitoria João Pinto Cardoso. Tem bastante elegancia, e sufficiente capacidade, em proporção dos habitantes.

«Tem tambem casa de misericordia, construida na praça publica no anno de 1518, reinando o sr. D. Manuel: assim como um convento pertencente aos extinctos frades Trinos calçados, principiado a edificar n'uma eminencia proxima, extra-muros, ao Escurial, em 1818, mas não ultimado. Para esta casa, situada ao nordeste, transferiram sua residencia em 1821, deixando a primitiva habitação da Misericordia, d'onde sairam a esfor-E é assim. Para as almas verdadeiramente sensiveis e ços d'esta irmandade, precedendo todas as formalidades

> «É hoje, com sua bella e fertil cêrca, propriedade particular.

«De resto, não conta outros edificios que mereçam attenção, a não ser a casa da municipalidade, concluida apenas de paredes, dando começo e impulso a esta obra, em 1817, o então juiz-de-fora José Manuel Tinhela.....

«As ruas são, na generalidade, estreitas e sinuosas como as das cidades da edade media, evidenciando assim a sua antiguidade.

«Os seus arrabaldes—mórmente ao norte, e á margem das duas ribeiras Mercês e Lobos, que confluem a pequena distancia do seu desaguamento no rio, no sitio de S. Sebastião - apresentam o mais deleitoso panorama, não só pela maravilhosa extensão de seus campos, como pela fecundidade do seu solo, alcatifado das mais uteis producções da natureza, indispensaveis ao homem.»

## CABO AI-TODOR.

Este cabo fica situado entre Alupka e Yalta nas vertentes do monte Yaila, costa oriental da Crimea. Já que tanto temos fallado d'esta região, e de seus modernos fados, justo é que accrescentemos uma breve noticia de sua historia antiga.

A Taurica Chersoneso ou peninsula da Taurida, hoje Crimea, se prescindirmos de eras e de successos fabulosos, foi habitada nos primeiros tempos historicos pelos povos cimerios nas planicies e pelos tauros nas montanhas, muito e muito antes que os tartaros de diversas origens a invadissem. Colonias gregas vindas de Mileto povoaram as praias occidentaes e meridionaes, e a poncas milhas para oesudueste do logar onde hoje está Sebastopole edificaram a cidade de Cherson que veiu a ser mui populosa e opulenta. N'esta epoca já os scythas tinham expulsado para as mais altas os poucos dos aborigenes que escaparam á devastação d'aquelles barbaros, e tinham occupado o interior da peninsula; fazendo, porém, frequentes correrias contra as colonias gregas obrigaram estas a pedir soccorro a Mithridates Eupator, rei do Ponto, o emulo do poder romano, que depois de ter debellado e lançado fora os seythas fundou o reino do Bosphoro, que comprehendia a parte oriental da peninsula e juntamente o territorio asiatico fronteiro a ella pela parte do oriente até o Caucaso; a parte occidental ficou pertencendo aos habitantes do Chersoneso, que tiveram suas guerras com os do Bosphoro, que se denominava Cimerio para não confundir-se com o Bosphoro da Thracia, sendo noje o primeiro o estreito de Azoff, de Kertch ou de Yenikaleh, e o segundo o estreito de Constantinopola.

Os scythas eram tribus nomades, que tinham por habitações barracas com repartimentos, as quaes transportavam em seus carros afim de levantarem campo logo que preciso fosse; usavam barba crescida e andavam geralmente cobertos com pelles de carneiro, sendo sómente os chefes os que se vestiam das pelles de animaes bravios: combatiam a cavallo, servindo-se de massas, dardos, arcos feitos dos chavelhos d'antilope, e de uma especie de alfange; eram bons cavalleiros e excellentes bésteiros. Adoravam uma divindade barbara sob a figura de uma espada; na guerra bebiam o sangue dos primeiros inimigos que matavam e cortavam a cabeça a todos os outros que ficavam no campo da batalha: punham a maior fé nas charlatenerias e peloticas de seus adivinhos, que tambem praticavam a medicina. Suas principaes riquezas, como de todos os povos vagabundos, constavam de manadas e rebanhos, cuja carne comiam preferindo-lhe muito a de cavallo, seu manjar predile-

(Continua.)

### ABBADIA DE WESTMINSTER.

É um dos principaes monumentos da Europa, cuja dedicação se celebrou em Dezembro de 1065. Foi seu fundador Eduardo, o Confessor, rei de Inglaterra, que sacrificou a esta construcção o terço de todos os seus bens. Varios monarchas renovaram depois este edificio, sobresaindo entre todos Henrique vii, que mandou construir a capella, que ali é conhecida com o seu nome.

Uma das maravilhas d'esta abbadia é o côro, que se pode tirar quando as ceremonias religiosas exigem campo mais vasto. Foi traçado pelo architecto Keen, no estylo gothico, que é em geral o caracter do edificio. As duas torres, e a porta do norte, a que chamam de Salomão, e os seus tumulos, e o mosaico representando o temto da duração do mundo, são objectos dignos de admiração.

Cromwell foi enterrado na capella de Henrique vII. Quando chegou a epoca da restauração, Carlos II mandou desenterrar o cadaver, e enforcal-o publicamente no patibulo de Tyburn.

A nossa gravura representa este magestoso e antigo edificio, visto do lado do noroeste.

# CHRONICA SEMANAL

O movimento espertou nos theatros. A solidão que reinava nas platéas, a indifferença com que se olhava para os annuncios dos espectaculos, degeneraram n'uma anciedade, n'um phrenesi de gosar as primeiras recitas dos debutantes da companhia lyrica e na espectativa inquieta com que se aguarda a primeira representação dos actores francezes. Aos Puritanos, a essa mimosa producção do romancista escossez, expressa na ingenuidade do sentir musical de Bellini, seguiu-se o Othello, a opera mais energicamente dramatica de Rossini, depois do Guitherme Tell. A companhia franceza também promette abrir com Les contes de la reine de Navarre, uma das lindas comedias de Scribe. Mesmo o theatro nacional voltou a um dos dramas mais esplendidamente inaugurados no seu repertorio pela interpretação feliz d'uma actriz de genio. A Dama das Camelias volveu de novo á scena em beneficio dos malaventurados habitantes da Madeira, tão flagellados de calamidades e vicissitudes que parece sobre elles se ergueu a mão irada da Providencia.

E que bella noite não foi a d'esta recita philantropica! Nos camarotes e platéas refluia a flor das familias madeirenses existentes na capital, tão ardentemente empenhadas em mitigar os soffrimentos dos seus irmãos. E depois no palco passava-se uma acção das mais patheticas e sympathicas que a sociedade moderna pode produzir e a phantasia d'um grande poeta tem dramatisado.

A paixão, mas a paixão que se desata de todos os lacos calculistas da sociedade convencional, que sepulta um
passado de opprobrio em toda a vehemencia, em todo o
delirio e poesia d'um sentimento, que pelos rasgos da
sua abnegação admiravel resgata a mulher, que só existia para as scenas vertiginosas da orgia e da perdição,
de toda a malcula do vicio; a paixão assim considerada
como argumento de rehabilitação para uma classe, produz quadros de vivo affecto e desinteresse, e enlaça situações que fallam a linguagem da alma a todos os espectadores. Aquella incuidosa Margarida Gauthier, que
nasce para a imaginação do publico d'entre as ondas tempestuosas d'uma bacchanal, para expirar, como a aragem
que suspira, nas regiões puras d'um amor contrariado,
não arranca só as lagrimas aos olhos que se fitam e se-

guem, faiscando toda a anciedade que os anima, os diversos lances do drama; obriga tambem a pensar, porque n'aquelle episodio da vida do coração ha muita verdade, e muita verdade despresada. E que o digam esses peitos que, arfando entre as luctas d'uma angustia comprimida, desabafam a furto em muitos camarotes com signaes de profunda dôr! Que o diga a expressão geral de sympathia, que liga o espectador com o palco nos transes mais afflictivos d'essa existencia da desventurosa dama das camelias, existencia tão entregue aos desvarios dos prazeres desordenados do mundo, mas ainda assim tão colorida de poesia, d'essa poesia do affecto que todos comprehendem, porque é a eloquencia sublime do coração.

Já n'outra parte tocámos a idéa de nos reproduzir o theatro de D. Maria n alguns dos dramas mais enthusiasticamente acolhidos pelo applauso publico n'outras epocas. A experiencia, cremos que impensada e até talvez involuntaria, veiu em nosso auxilio. Basta o exemplo do Roubo, e agora da Dama das Camelias, para se reconhecer a utilidade que o theatro pode tirar d'esse expediente. E mesmo porque, se quizer variar o repertorio com producções que prendam pelo interesse, não nos parece que possa appellar para outros recursos, porque não sabemos que existam. O que de novo se produz hoje em França nada offerece de promettedor. Isto é attestado pelos seus proprios criticos e resenhistas. A esterilidade depois de se ter manifestado no mundo physico ataca actualmente os dominios do mundo ideal. Vejam com que vae abrir a sua epoca theatral a companhia franceza; com uma peça de Scribe, já tão lida e vista de todos os amadores da litteratura dramatica. O anno passado ainda nos apresentaram uma novidade, a mais esplendida novidade que havia a registar para nós em os annaes do nosso theatro: o Demi monde, talvez o drama mais completo da escola moderna, foi o espectaculo de abertura da estação passada; mas este anno recorrem ao que é conhecido e que está escudado pela reputação de um homem querido de todas as platéas. Fazer portanto uma escolha das melhores comedias e dramas já representados, entendemos ser não só uma determinação impulsiva para os diversos talentos que encerra o theatro nacional, mas até uma necessidade. A Jenny, o Retrato Vivo, A Pobre das Ruinas, O Casal das Giestas, A Honra de uma familia, Maria Stuart, tudo isto são peças dignas de empenhar os arrtistas nacionaes em honroso certame com os espectaculos francezes, e talvez o pretexto para muitos dos seus maiis inquestionaveis triumphos. Não sabemos se esta especcie de resurreição do repertorio antigo iria levantar emulações, ou exigir de certas apathias uma verdadeira energia : em todo o caso, as necessidades do theatro devem calar umas e activar as outras, porque acima de tudo isso está a necessidade de provar que o theatro de D. Maria contém em si elementos que, dirigidos e estimulados, podem e devem produzir resultados verdadeiramente auspiciosos para a arte dramatica. O desempenho da Dama das Camelias, d'esta vez, é uma demonstração que refuta de uma maneira triumphante toda a contrariedade a esse respeito. Não se pode representar com mais ligeireza, com mais frivolidade elegante (permittam-nos a phrase) do que foi representado o primeiro acto; não se pode fallar mais energicamente ao coração a eloquencia de um sentimento intimo e poeticamente idealisado, do que fallou a sympathica Margarida Gauthier pela bocca da sr.ª Emilia nos tres ultimos actos. A creação de Dumas, na sua reproducção agora, quasi que se nos figurou com lineamentos ainda mais delicadamente tocados de toda a expressão vaga d'aquella indefinivel poesia, que a torna uma luta de paixão e insufficiencia, sobre que vae poisar uma ligeira nuvem de melancolia, como o presentimento constante de uma morte prema-

Passemos a S. Carlos.

O theatro lyrico este anno promette uma d'essas epocas estrepitosas em que os acintes rivaes, as emulações de bastidor e as ovações de phantasia, hãode recrescer uns dos outros, como a Phenix das proprias cinzas. Hade ser uma estação alegre, e sobretudo abundante de episodios, mas de episodios sobre os quaes o revisteiro ou o chronista deve desde já ir lançando de antemão o seu oculo de augmentar, porque não lhe faltarão anecdotas chistosas, e incidentes com que aguçar a curiosidade das nossas elegantes.

A verdade é que d'esta vez a companhia de canto é para ver e para ouvir. E quando o dilettante tem os ouvidos e os olhos empregados na scena, não deve exigir mais, porque o dilettante por excellencia não pode ser mais do que olhos e ouvidos. Ha criticos malevolos que asseveram que os mais d'elles possuem antes orelhas do que ouvidos, mas esse parentesco que lhes querem buscar com o rei Midas é uma traição feita ao seu senso artistico.

Mas o Othello? O Othello é a terceira opera da estação theatral, e já nos dá a medida do que a companhia pode. Ainda não ouvimos Benneventano nem De Giuli Borzi, mas o que já podemos assegurar é que este anno teremos uma coisa que ha annos não tinhamos em S. Carlos, que é operas cantadas em todo o seu complexo.

pestuosas d'uma bacchanal, para expirar, como a aragem que suspira, nas regiões puras d'um amor contrariado, não arranca só as lagrimas aos olhos que se fitam e se-

pa, pela escola, e disposições do seu orgão vocal, hade sempre obter triumphos mais indisputaveis nas operas de Donizetti e Bellini, e mesmo Verdi. O canto spianatto deixa-lhe brilhar todos os recursos do seu methodo, que se inspira essencialmente das indicações da escola moderna, e o estylo dramatico, essencialmente declamado e phraseado o rhythmo musical de accordo com a poesia, é aquelle que mais vigor e expressão ganha na voz da talentosa prima-donna.

Mas mademoiselle Parepa já nós tinhamos ouvido na melodiosa composição do autor da Norma. No Othello a analyse procura quasi que exclusivamente o tenor Saccomano. Este artista é um cantor de bravura, cuja agilidade e nitidez de execução, são assombrosas em attenção ao seu volume de voz. Custa a crer como se possa reunir á potencia de um orgão que se faz sempre ouvir acima das massas da orchestração, a vocalisação espontanea e nitida de um soprano. Sobretudo no duetto com o basso no segundo acto, estes dotes attrahem sobre este artista salvas de bem merecidos e enthusiasticos applausos. A expressão de canto do tenor Saccomano está porém na energia, na incrivel audacia com que vence as maiores difficuldades de execução. Não é um cantor inspirado pela escola moderna em que cada phrase exprime um affecto, em que a interpretação poetica se revela em todas as modulações da composição musical, é um vigoroso interprete de Rossini, que triumpha de todas as fioretture, dos mais difficeis ornatos da musica propriamente academica. E é talvez por isso que o vemos despresar um pouco o recitativo, e perder tambem do brio nos passos em que a inspiração do grande maestro se deslisa mais desassombrada dos caprichos da phantasia de que elle recamou em geral as suas composições, excepto o Guilherme Tell, que, pelo empenho a que se obrigou tão raro talento, pertence já inquestionavelmente á escola mo-

No entanto, é ouvindo o Othello que se comprehende que não bastam as manifestações de um grande talento contra o progresso do gosto. Rossini é talvez o maior genio que figura na historia da arte nos tempos modernos; e comtudo, exceptuando a Semiramis, essa composição que respira toda a magestade epica do imperio assyrio, o Barbeiro de Sevilha, a burletta typica por excellencia, e o Guilherme Tell, a luva lançada aos partidarios da escola philosophica, todas as demais composições se tem ido retirando da scena, ante o silencio respeitoso de um indifferentismo instinctivo. Effectivamente o drama lyrico não pode ser só um complexo de cavatinas, stretlas, duettos e rondós. Quando todas estas formas musicaes não sejam inspiradas pela idéa, pelo sentimento dramatico, uma aria ou um largo serão excellentes peças para obter as honras de uma academia, mas nunca a interpretação philosophica de qualquer scena de Schiller, Shackspeare ou Victor Hugo. Nos trillos, escalas cromaticas, cadencias e passos a piaccere, pode brilhar uma immensa riqueza de imaginação musical, mas o seu effeito não passa dos ouvidos para o coração. É por isso que o proprio Othello, posto que seja das obras de Rossini mais subordinadas á poesia do libretto, ainda assim se ouve sem aquelle enthusiasmo phrenetico, sem aquella ancia que nos faz palpitar de paixão ao ouvirmos as notas plangentes da druida das Gallias, ou os gemidos doloridos do bello raconto da cigana do Trovador. É porque ahi está o drama, está o affecto, que não é outra coisa senão o coração.

Uma grande novidade: vamos ter um café cantante. O leitor talvez não saiba o que seja um café cantante, porque realmente as attribuições que este titulo dá ao bello producto de Moka, nunca ninguem lhe julgou. Um café cantante!... Pois o café canta?! Eis a interrogação que nos parece ver surdir de todos os lados. Ora nós vamos asserenar as curiosidades, declarando que a denominação de que se trata tira a sua audacia phraseologica de uma figura de rhetorica. Não é o café que canta, é um botequim esplendido, isto é o local onde se vende e toma café, onde se canta. Assim restabelecidas as coisas nos seus termos mais normaes, vamos a explicar o resto.

Entre nos, o café cantante é neto do Baile nacional e filho, mas um filho illustrado e pretenciosamente aristocratico, do Jardim Chinez. Em Paris são conhecidos estes divertimentos, como todo o genero de distracções, por que á phantasía parisiense nada escapa que possa alegrar o espírito e colorir de bellos episodios as horas abhorridas de uma tarde d'estio, ou de uma noite de inverno. Mas o nosso café cantante afasta-se dos seus co-irmãos parisienses. O de Lisboa hade ter salões espaçosos em que possam dançar turbilhões de pares, excitados pela musica da masurka ou da shottisch, e enebriados pela luz brilhante de candelabros vomitando infinidade de flammas de gaz. E depois os sophás estofados para as explicações fervorosas dos amores nada platonicos de uma bella incognita com o seu braceiro arrufado, os têle-à-tête para se repoltrearem os bourgeois retirés, e o honrado epicier, que buscam sempre estas distracções como um novo theatro de suas conquistas, reproduzindo a fabula de Danae.

Dizem-nos que para o carnaval será a abertura. Folgamos com a noticia, porque em todo o caso será sempre um pretexto para onde appellar nos momentos de fastio, molestia endemica que embrutece estes pobres habitantes de Lisboa.

Andrade Ferreira.